



DOI 10.20396/conex.v16i4.8653973

Artigo Original

## *A Ginástica Para Todos nas aulas de educação física: um estudo de caso*

Thyago Thacyano de Souza dos Santos<sup>1</sup>  
Juliana Nogueira Pontes Nobre<sup>2</sup>  
Claudia Mara Niquini<sup>2</sup>  
Priscila Lopes<sup>2</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa, fruto de uma análise documental, buscou apreender a presença do conteúdo Ginástica em aulas de Educação Física (EF) de uma específica escola e realidade. Destacamos as possibilidades de todas as modalidades de ginástica estar presentes no espaço escolar, realçando a Ginástica Para Todos (GPT) como mais próxima às características da escola, devido aos movimentos gímnicos que podem ser transformados atribuindo novos significados às modalidades que apresentam regras rígidas e pré-determinadas, às possibilidades de adaptações estruturais, a riqueza do processo de construção coreográfica, a promoção da criatividade, da inclusão, dentre outros aspectos. Foram analisados diários de aulas de EF referentes ao ano 2017 (Ensino Fundamental e Médio) e os resultados demonstraram que a ginástica foi trabalhada nas turmas de 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental e no 1º ano do Ensino Médio, sendo a GPT a única prática gímnicab abordada. No Ensino Fundamental, foram desenvolvidos alguns elementos gímnicos básicos e composição coreográfica, enquanto que no Ensino Médio, a ginástica aparece como tema para seminários. Consideramos que a escola desenvolve a GPT e sugerimos a realização de pesquisas mais aprofundadas para compreender como tais aulas são desenvolvidas e os motivos de outras modalidades não aparecerem nos específicos registros.

**Palavras-chave:** Educação Física. Ginástica Para Todos. Escola. Currículo.

<sup>1</sup> Centro Educacional Nádia Santos Rocha

<sup>2</sup> Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha do Mucuri

Recebido em: 13 nov. 2018

Aprovado em: 28 nov. 2018

Contato: [thyago.thacyano@gmail.com](mailto:thyago.thacyano@gmail.com)

## *Gymnastics For All in the physical education classes: a case study*

### ABSTRACT

The present research, fruit of a documentary analysis, sought to apprehend the presence of the Gymnastics content in classes of Physical Education (PE) of a specific school and reality. We emphasize the possibilities of all gymnastics modalities to be present in the school space, highlighting the Gymnastics For All (GFA) as closest to the characteristics of the school, due to gymnastic movements that can be transformed by assigning new meanings to the modalities that present rigid and predetermined rules, the possibilities of structural adjustment, the richness of the choreographic construction process, the promotion of creativity, of inclusion, among other aspects. We analyzed diaries of physical education classes referring to the year 2017 (Elementary and high school) and the results showed that the gymnastics was worked in the classes from 1st to 6th year of Elementary School and in the 1st year of High School, being the GFA the only gymnastic practice approached. In Elementary School, some basic gymnastic elements have been developed and choreographic composition, while in high school, gymnastics appears as theme for seminars. We consider that the school develops GFA and we suggest conducting further research to understand how such classes are developed and the reasons for other modalities do not appear in the specific records.

**Keywords:** Physical Education. Gymnastics For All. School. Curriculum.

## *La Gimnasia Para Todos en las clases de educación física: un estudio de caso*

### RESUMEN

La siguiente investigación, resultado del análisis de un documental, tuvo como finalidad apreciar la importancia del contenido de la Gimnasia en las clases de Educación Física (EF) en una escuela específica con características propias. Resaltamos la presencia de todas las modalidades de la Gimnasia en ese espacio escolar, destacando la Gimnasia Para Todos (GPT) como la más cercana a las características de la escuela. Debido a los movimientos gímnicos que pueden ser transformados atribuyendo nuevos significados a las modalidades que presentan reglas rígidas y predeterminadas, las posibilidades de adaptaciones estructurales, la riqueza del proceso de construcción coreográfico, la promoción de la creatividad, de la inclusión, entre otros aspectos. Fueron analizados los diarios de clases de EF del año 2017 (Educación Primaria y Secundaria) y se pudo observar que la gimnasia fue trabajada de 1° a 6° grado de Educación Primaria y en el 1° año de Educación Secundaria, siendo la GPT la única práctica gímnica empleada. En la Educación Primaria, fueron desarrollados algunos elementos gímnicos básicos y composiciones coreográficas, mientras que en la Educación Secundaria, la gimnasia aparece como tema para seminarios. Consideramos para que la escuela desarrolle la GPT y sugerimos la realización de investigaciones más profundas a fin de comprender como serán llevadas a cabo dichas clases y cuáles son los motivos para que otras modalidades no aparezcan registradas.

**Palabras Clave:** Educación Física. Gimnasia Para Todos. Laescuela. Plan de estudios.

## INTRODUÇÃO

Por acreditarmos na relevância da ginástica na Educação Física (EF) escolar e na importância de estudos que investiguem sua materialidade no interior da escola, apresentamos este artigo, o qual se propôs investigar a presença do conteúdo gímnico nas aulas de determinada instituição de educação básica.

Na esteira da história, são notáveis os estudos que tratam da constituição da educação física nas escolas brasileiras desde meados do século XIX, de início como atividade, a posteriori como disciplina escolar, onde destacam a ginástica como conteúdo exclusivo da educação física, compreendida como sinônimo da EF (SOARES, 2001). Assim, demarcamos a representação da ginástica nesta construção e compreendemos a EF na escola, na contemporaneidade, como componente curricular responsável por um conhecimento específico, subordinado às funções sociais de uma escola republicana<sup>3</sup>, com o compromisso de oferecer às novas gerações conhecimentos ampliados das inúmeras *construções* humanas, enriquecendo assim, a infância e a juventude dos escolares, além de prepará-los para compreender, enfrentar e transformar os desafios do mundo contemporâneo (FENSTENSEIFER; GONZALEZ, 2010).

Tratar os conteúdos veiculados pelos diferentes componentes curriculares na escola como construções históricas, significa compreender que os conhecimentos ali tratados poderão ser reproduzidos, questionados e modificados pelos sujeitos que a (re)conhecerão. Isso vale para o conjunto dos conteúdos abordados pela EF escolar: jogos e brincadeiras, ginásticas, esportes, danças, lutas, capoeira, entre outros, reconhecido como cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Deste modo, (re)conhecer a ginástica como manifestação da cultura corporal favorece a disseminação da mesma e a valorização desta rica e importante prática corporal.

Os estudos publicados por Darido (2003), ressaltam o amadurecimento do debate em torno da especificidade da EF escolar, em especial a partir da década de 1980, colocando em evidência *práticas diversas* no campo da EF escolar; contudo sinaliza a permanência (e preponderância) de práticas corporais tradicionalistas, prevalecendo aulas baseadas nos modelos esportivista e recreacionista, nos quais o professor desenvolve esportes tradicionais em nosso país ou, no segundo caso, entrega a bola aos alunos se eximindo do ato educativo.

Deste modo, havendo registrado a constituição e a importância da EF escolar, a ginástica neste conjunto e a diversidade da cultura corporal em contraponto a prática restrita de determinados esportes na escola, refletiremos sobre a estruturação e organização dos conteúdos para a EF na escola ao longo da educação básica. Bracht (2010) entende que para pautar-se na nova perspectiva da EF como componente curricular legitimado, deve-se passar

---

<sup>3</sup>República entendida como organismo político de um Estado com vistas ao interesse público (comum), segundo Fenstenseifer e Gonzalez (2010).

por quatro etapas de implantação de conteúdos: identificação, seleção, organização e sistematização; uma vez que estas construções não dependem exclusivamente do professor e sim de como se relaciona as aulas de EF com a escola e sociedade atual.

Os estudos publicados por Correia (2016) demonstram que sistematizar e problematizar são processos típicos do fazer escolar e merecem reconsideração para não ficarem sucumbidos num jogo semântico ou em retórica pedagógica, apresentando-se favorável aos critérios de organização das finalidades, objetos e meios de ensino para a concretização dos propósitos da educação escolar por meio dos seus componentes. Sobre a EF escolar, o autor considera que professores e professoras desta unidade curricular possuem a incumbência de produzir um trato pedagógico de objetivações culturais que incluem danças, lutas, jogos, ginásticas, brincadeiras, atividades circenses, modalidades esportivas, conhecimentos e cuidados sobre o corpo, ou seja, um espectro plural frente às manifestações corporais, estabelecendo critérios para selecionar o que ensinar, para quem ensinar e quando ensinar.

Como decorrência e não menos importante, Fensterseifer e Gonzalez (2010), defendem a construção de um “currículo mínimo” que permita pensar em um saber amplificado, que se desenvolva ao longo dos anos escolares em toda a prática, toda sua complexidade e criticidade, orientando o fazer pedagógico do professor de EF. Importante registrar que no presente momento, ano de 2018, encontra-se em debate e implementação a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e suas proposições que, segundo o portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, servirá para nortear os currículos das escolas, em redes públicas e privadas de ensino de todo o Brasil, trazendo os conhecimentos essenciais, as competências e as aprendizagens pretendidas para as crianças e jovens em cada etapa da Educação Básica, tendo como objetivo a promoção de maior equidade e qualidade do ensino no país por meio de uma referência comum obrigatória para todas as escolas, respeitando a autonomia assegurada pela Constituição aos entes federados – municípios, Estados e o Distrito Federal – e às escolas<sup>4</sup>.

Ainda no sentido de estruturação e ordenação de um currículo mínimo, os Conteúdos Básicos Comuns (CBCs) constituem a proposta curricular da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Minas Gerais (SEE-MG), a qual foi inserida nas escolas da rede pública mineira no Ensino Fundamental e Ensino Médio a partir de 2004. Neste momento, mesmo não desconhecendo o importante debate da BNCC em plano nacional e suas recomendações para a EF, construiremos nossa referência no CBCs devido ao pertencimento da escola estudada, e as orientações para o trato da ginástica, objeto primário de nossa investigação.

Os estudos de Amorim e Lopes (2014) e Carbinatto, Zaghi e Simões (2014), apresentam algumas considerações importantes sobre o eixo temático denominado “Ginástica” no CBCs, tais como: paradoxo entre conceitos da ginástica, ora apresentada com

---

<sup>4</sup>Conforme informações contidas na página: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-sedia-seminario-sobre-a-base-nacional-comum-curricular-bncc-/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-sedia-seminario-sobre-a-base-nacional-comum-curricular-bncc-/21206). Acesso em: 05 jun. 2018.

visão abrangente (sinônimo de exercício físico), ora com visão restrita (esportivizadas); superficial apresentação das ginásticas já consolidadas pela Federação Internacional de Ginástica e frágil entendimento da forma de trabalhar a ginástica na escola; concluindo o difícil acesso ao conhecimento sobre as ginásticas e à improbabilidade de novos praticantes às mesmas, a partir das orientações e direcionamentos do específico documento.

Neste conjunto, torna-se claro as dificuldades encontradas para a vivência e a concretização dos conteúdos gímnicos nas escolas mineiras. Além disso, a literatura evidencia que, de maneira geral, a ginástica enquanto conteúdo da EF escolar, quando não é inexistente (AYOUB, 2003; SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007; SERON et al., 2007), se apresenta como coadjuvante no desenvolvimento de outras práticas corporais, resumindo-se à meros movimentos de aquecimento e alongamento antes ou depois do trabalho com os esportes (COSTA et al., 2016; PEREIRA, 2012; PEREIRA; CESÁRIO, 2011).

Sublinhamos também, estudos que apontam questões que dificultam o desenvolvimento da ginástica na realidade escolar, como adaptações de espaços, equipamentos e materiais, conteúdos por faixas etárias, impasses sobre gênero, níveis de habilidade; conteúdos que sejam relevantes para a formação humana do sujeito, etc. (AYOUB, 2003; COSTA et al., 2016; MARCASSA, 2004; PEREIRA; CESÁRIO, 2011; SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007; SERON et al., 2007; SOUZA, 1997).

Ao nos aprofundarmos no estudo acerca da ginástica, compreendemos que esta prática corporal apresenta diversas possibilidades, podendo acontecer em contextos variados e com distintas finalidades: é apresentada como modalidade esportiva reconhecida pela FIG; como uma prática de lazer, recreativa e prazerosa; como uma ferramenta para a aquisição e/ou manutenção da saúde; ou ainda, com um viés educacional escolarizado, no qual assume um caráter educativo e formativo para a vida dos escolares (GOMES; GONÇALVES, 2014).

Diante do universo apresentado, corroboramos com Souza (1997) ao acreditar ser restritiva a proposta de um único conceito para esta prática corporal. No intuito de facilitar seu entendimento, a autora propõe cinco grandes grupos que contemplam os campos de atuação da ginástica na atualidade: 1) ginástica de condicionamento físico, que englobam as modalidades que tem por objetivo aquisição ou manutenção da condição física; 2) ginástica de competição, no qual agrupam todas as modalidades competitivas; 3) a ginástica de conscientização corporal, as quais reúne as novas perspectivas de abordagem do corpo, que também são reconhecidas como técnicas alternativas; 4) ginástica fisioterápica, que utiliza o exercício físico para a prevenção ou para o tratamento de doenças; 5) ginástica de demonstração, cuja característica marcante é a não-competitividade, com função principal de interação social, respeito as diferenças e inclusão dos participantes.

A GPT, nomenclatura atual da antiga Ginástica Geral, se encaixa no campo de atuação da ginástica de demonstração (SOUZA, 1997), uma vez que, diferente das modalidades esportivizadas, não possui código de pontuação sendo, essencialmente, não competitiva.

Este fator permite à GPT, a abertura para o divertimento, o prazer e a participação irrestrita, oportunizando ao participante o respeito aos limites, as possibilidades individuais de cada sujeito e convivência intergrupala. Por não apresentar regras rígidas pré-estabelecidas, possibilita flexibilidade no desenvolvimento de sua prática, oportunizando o diálogo com as atividades das demais ginásticas, com a dança, o jogo, o teatro, esportes dentre outros, o que evidencia a liberdade para criação, para a expressão, para os componentes lúdicos e para a adequação as diferentes realidades (AYOUB, 2003).

Os fundamentos que alicerçam sua prática compreendem a base na ginástica; a composição coreográfica; o estímulo à criatividade; o número indefinido de participantes; a liberdade de vestimenta; a possibilidade do uso de materiais; a diversidade musical; a inserção de elementos da cultura; a não competitividade e o favorecimento da inclusão; o prazer pela prática; a formação humana (TOLEDO, TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016).

Dentre estes, a base na ginástica se apresenta como o fundamento mais importante, pois assegura que a GPT, embora apresente ampla liberdade em seu desenvolvimento, se configure como uma prática gímnica, ou seja, envolve, principalmente, movimentos característicos da ginástica (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016).

Os movimentos gímnicos podem ser organizados de diferentes formas. Nesta pesquisa, nos pautamos nos estudos de Souza (1997) e Russel (2010), os quais apresentam classificações distintas sobre os elementos que constituem o conteúdo específico da ginástica, mas que, ao nosso ver, podem ser utilizadas como propostas que se complementam no sentido de desenvolver a amplitude de possibilidades de se movimentar nesta manifestação corporal.

Souza (1997) classifica os movimentos gímnicos da seguinte forma: elementos corporais (passos, corridas, saltos, saltitos, giros, equilíbrios, ondas, poses, marcações, balanceamentos, circunduções); exercícios de condicionamento físico (exercícios localizados para o desenvolvimento da força, resistência, flexibilidade, etc.); exercícios acrobáticos (rotações, reversões, suspensões, etc.); manejo de aparelhos (tradicional e adaptados). Todos estes podem ser realizados com aparelhos, sem aparelhos e em aparelhos.

Russel (2010), por sua vez, apresenta uma organização mais complexa que a proposta de Souza (1997), abordando aspectos biomecânicos de cada grupo de elementos gímnicos. Por meio de uma análise biomecânica, o autor identificou cinco padrões básicos de movimento (PBMs), os quais devem ser trabalhados isoladamente em sua totalidade, variando as posições corporais, os espaços e/ou equipamentos utilizados, as direções, intensidades, individualmente ou em grupo; para que, somente depois de automatizados de forma que sejam executados com segurança, possam ser desenvolvidas combinações entre eles, o que possibilita a aprendizagem de habilidades complexas dos diferentes tipos de ginástica.

Constituem os PBMs as aterrissagens (sobre diferentes partes do corpo), os saltos (dos pés, das mãos, de ambos, etc.), os deslocamentos (sobre os pés, as mãos, em apoio, em suspensão, etc.), os movimentos estacionários (em apoio, equilíbrio ou suspensão) e as

rotações (nos eixos longitudinal, transversal, ântero-posterior). Complementam esta proposta, três princípios que norteiam a prática da ginástica: *Fun, Fitnes e Fundamentals*. Independente do nível, a prática gímnica deve envolver diversão, condicionamento físico e os fundamentos básicos. Sem estes itens não há como promover a continuidade num programa de forma que haja evolução para o aprendizado de habilidades mais complexas (RUSSEL, 2010).

Os elementos apresentados nos estudos de Souza (1997) e Russel (2010), além de constituírem o vasto conteúdo das diferentes práticas gímnicas, também se configuram como aqueles que compõem a GPT, uma vez que esta abarca as demais modalidades gímnicas.

Destacamos também outro fundamento da GPT elencado por Toledo, Tsukamoto e Carbinatto (2016): a composição coreográfica. Para as autoras, a maioria dos estudos acerca da GPT se pronunciam a favor da composição coreográfica como um fundamento obrigatório neste tipo de ginástica, no qual deve se valorizar tanto o processo de criação quanto sua apresentação, nem que esta última ocorra somente durante as aulas para os próprios colegas de prática.

O estudo de Lopes, Batista e Carbinatto (2017) salientam três aspectos da composição coreográfica em GPT que devem ser considerados para promover os princípios que envolvem esta prática, quais sejam: a valorização do processo de construção, o aspecto coletivo e colaborativo deste processo e o potencial de expressão e comunicação da coreografia em GPT. Da mesma forma que as autoras, corroboramos a ideia de que por meio da composição de coreografias que respeitem tais aspectos, é possível intensificar a função educativa da GPT, fator que evidencia ainda mais a sua pertinência no contexto escolar.

Portanto, assim como outros autores, consideramos que as características da GPT fazem dela uma prática gímnica pertinente ao contexto educacional (AYOUB, 2003; CARBINATTO, ZAGHI; SIMÕES, 2014; COSTA et al., 2016; LOPES et al., 2015; MARCASSA, 2004; SERON et al., 2007; SOUZA, 1997).

Citamos como exemplo as experiências descritas no estudo de Lopes *et al.* (2015), o qual propõe que a EF desenvolva trabalhos interdisciplinares na escola (da Educação Infantil ao Ensino Médio) no sentido de transcender a ideia de que este componente curricular se restrinja apenas às ações que circunscrevem a sua área de atuação. As autoras apresentam uma proposta que articula a GPT com a literatura com o objetivo de contribuir para que os alunos se envolvam com o texto literário por meio de diferentes linguagens, estimulando a leitura por prazer.

Esclarecemos que defendemos a ideia de que todos os campos de atuação da ginástica propostos por Souza (1997) devem compor os conteúdos gímnicos a serem desenvolvidos na escola, os quais devem ser condizentes com as características dos alunos (de acordo com a faixa etária, nível de ensino, etc.) e integrados à proposta da escola. Citamos como exemplo, o trabalho com a ginástica de condicionamento físico com os alunos do Ensino Médio devido a faixa etária da adolescência que compreende este nível de ensino, pois este tipo de ginástica

aborda questões relevantes para situação social e emocional deste grupo.

Outro exemplo, seria trabalhar com as ginásticas de competição, que contribuiria para a formação de um público apreciador deste esporte. Entretanto, é necessário que estas práticas sejam ressignificadas dentro do ambiente escolar, pois este, geralmente, não possui as estruturas apropriadas para o desenvolvimento destas modalidades. Também é preciso estender a simples reprodução dos gestos técnicos específicos do esporte para a realidade corporal dos alunos e, ao mesmo tempo, promover uma consciência crítica sobre as diversas circunstâncias que envolvem estas práticas competitivas, tais como o caso da especialização precoce, o fato de ser um esporte elitizado, dentre outras.

No entanto, ainda assim, defendemos as características da GPT como aquelas que mais se aproximam das peculiaridades da EF escolar. Dentre elas, destacamos a possibilidade de abordar todos os demais campos de atuação da ginástica, a utilização de materiais variados e equipamentos específicos de cada ginástica, os quais podem ser adaptados; os movimentos gímnicos que podem ser transformados, atribuindo novos significados às modalidades que apresentam regras rígidas e pré-determinadas; o trabalho com grande quantidade de alunos, de idades e habilidades diferentes; a promoção da criatividade, da criticidade, da inclusão e do prazer pela prática (TOLEDO, TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016); a contribuição para o conhecimento e percepção que os sujeitos têm de suas próprias qualidades corporais; o estímulo de relações interpessoais num grupo de alunos (MARCASSA, 2004), dentre outros.

Diante do exposto, acreditamos que se fez necessário investigar se a ginástica compõe os conteúdos da EF escolar, assim como verificar qual tipo de prática gímnica está presente em específica escola e quais elementos são abordados. Compreender a forma como a ginástica é desenvolvida na escola, possibilita criar e/ou aprimorar estratégias de formação inicial e continuada em EF que facilitem ao professor o trato com o conteúdo gímnico, garantindo aos alunos a oportunidade de conhecer e vivenciar o amplo universo da ginástica. Estudos desta magnitude são de suma importância para a área da educação, seja no âmbito escolar ou acadêmico.

Desta forma, este estudo possui o objetivo de verificar a presença do conteúdo “ginástica” em aulas de EF de determinada escola da rede particular de ensino da cidade de Diamantina, MG, durante o ano de 2017, no intuito de evidenciar a materialidade da ginástica no ensino básico. Outros objetivos secundários almejam identificar, a partir de diários de classe, temas específicos relacionados à ginástica, registros do aparecimento dos campos de atuação da ginástica no desenvolver do conteúdo e elemento(s) gímnico(s) tratados ao longo dos anos escolares.

## MÉTODOS

Propomos para este estudo o caminho da pesquisa qualitativa por meio da estratégia



denominada estudo de caso que, segundo Chizzotti (2010) se refere à exploração de um caso específico, situado na vida real, com o propósito de realizar uma busca circunstanciada de informações sobre determinado tema.

Dentre as possibilidades de dados que podem ser coletados em um estudo de caso, focamos na fonte documental como principal material de análise.

Os documentos analisados neste estudo foram os diários de classe das aulas de EF referentes ao ano de 2017, já encerrados, os quais foram foco de análise desta pesquisa. Para ter acesso aos diários, entregamos uma carta que esclarecia os objetivos da pesquisa e solicitava a fotocópia dos referidos documentos, a qual foi autorizada pela direção da escola.

Para o tratamento dos diários, fizemos um recorte e utilizamos apenas as folhas que descreviam o conteúdo programático desenvolvido no ano de 2017. Em seguida, buscamos pelos termos “ginástica(o)” e “gímnica(o)”, identificados em 14 dos 17 diários: 12 diários do Ensino Fundamental e dois do Ensino Médio, os quais foram selecionados para serem analisados neste estudo.

Para a análise dos diário de classe, optamos pela técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2006), a qual se refere à um conjunto de técnicas de análise de comunicações com o objetivo de descrição do conteúdo das mensagens realizada por meio de procedimentos sistemáticos que possibilitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Nesse tipo de análise os dados são codificados, classificados e categorizados, o que possibilita a melhor organização e consequente exame crítico do conteúdo que emerge das mensagens e que são de interesse da pesquisa.

Após a organização dos dados, optamos pela análise temática, a qual será apresentada da seguinte forma:

- Categoria: denominada a partir dos temas de interesse da pesquisa;
- Unidade de registro: corresponde ao segmento do conteúdo que serve de base para a categorização e a contagem frequencial. No caso deste estudo, a unidade de registro adotada foi o tema definido como “a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto” (BARDIN, 2006, p. 99);
- Unidade de contexto: segmentos do texto ou da mensagem que refletem o significado das unidades de registro, que no caso do nosso estudo, foram frases ou parágrafos extraídos dos documentos;
- Frequência: quantidade de vezes que o tema em questão foi observado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola estudada nesta pesquisa está situada na cidade de Diamantina, MG, desde 1984 e atualmente, atua com todos os níveis de ensino da Educação Básica. A EF é unidade curricular obrigatória no Ensino Fundamental e no 1º e 2º ano do Ensino Médio, sendo desenvolvida por dois professores licenciados na área: Professor A – responsável pelas turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I e 6º ano do Ensino Fundamental II; Professor B – responsável pelas turmas do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e 1º e 2º do Ensino Médio; os quais tiveram seus diários de classe referentes ao ano de 2017 solicitados.

De posse dos diários de classe, realizamos a organização dos documentos que passariam pela análise. Primeiramente, verificamos que apenas três dos 17 documentos, não continham o termo “ginástica” (e demais variações), o qual se fez presente em 82,35% dos diários.

Foi realizada uma listagem dos documentos reunidos para análise (Quadro 01), na qual verifica-se as turmas onde foram ministradas aulas da EF (identificadas por códigos), assim como a quantidade de aulas para cada turma, em quais delas ocorreu o conteúdo gímnico e o professor responsável.

Quadro 1 – Turmas, quantidade de aulas de EF e de aulas com o conteúdo gímnico

Código	Turma/diário	Quantidade de aulas de EF	Quantidade de aulas de ginástica	Professor responsável
D1	1º ano E.F.I matutino	40 aulas	14	Professor A
D2	1º ano I E.F.I	40 aulas	14	Professor A
D3	1º ano II E.F.I	40 aulas	14	Professor A
D4	2º ano E.F.I Matutino	40 aulas	14	Professor A
D5	2º ano E.F.I Vespertino	40 aulas	14	Professor A
D6	3º ano E.F.I Matutino	40 aulas	14	Professor A
D7	3º ano E.F.I Vespertino	40 aulas	14	Professor A
D8	4º ano E.F.I Matutino	40 aulas	14	Professor A
D9	4º ano E.F.I Vespertino	40 aulas	14	Professor A
D10	5º ano I E.F.I	40 aulas	14	Professor A
D11	5º ano II E.F.I	40 aulas	14	Professor A
D12	6º ano E.F.II	80 aulas	25	Professor A
D13	7º ano E.F.II	80 aulas	0	Professor B
D14	8º ano E.F.II	80 aulas	0	Professor B
D15	9º ano E.F.II	80 aulas	0	Professor B
D16	1º ano E.M.	80 aulas	5	Professor B
D17	2º ano E. M.	80 aulas	5	Professor B

Percebemos, portanto, que em 2017, a prática gímnica na referida escola foi desenvolvida em todas as turmas do Ensino Fundamental I (do 1º ao 5º ano), em uma turma do Ensino Fundamental II (6º ano) e nas turmas do Ensino Médio (1º e 2º ano).

Primeiramente, consideramos esta constatação positiva, pois demonstra que a ginástica é um dos conteúdos da cultura corporal de movimento privilegiado nas aulas de EF da escola. Além da literatura apontar a ginástica como conteúdo da EF escolar indicado para todos os níveis de ensino (AYOUB, 2003; COSTA et al., 2016; LOPES et al., 2015; MARCASSA, 2004; NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012a; NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012b; NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012c; PALMA, OLIVEIRA; PALMA, 2010; SERON et al., 2007; SOUZA, 1997; VENÂNCIO; CARREIRO, 2005; ZAGHI, SIMÕES; CARBINATTO, 2015), este fato também revela que a instituição segue as diretrizes dispostas nos CBCs, documento que orienta a educação no Estado de MG.

No entanto, esta análise inicial também demonstrou que a ginástica não foi desenvolvida nos 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II. Devido aos limites metodológicos deste estudo, não pudemos identificar quais foram os motivos para esta ausência nos referidos anos escolares, mas verificamos que o Professor A abordou a ginástica em todas as suas turmas, enquanto o Professor B, trabalhou este conteúdo apenas com o Ensino Médio. Desta forma, levantamos a seguinte questão sobre a qual poderíamos refletir em pesquisas futuras: a presença ou a ausência da ginástica pode ter relação com a didática dos professores?

Para a Análise de Conteúdo, utilizamos apenas os 14 documentos que continham o termo “ginástica” e derivados (D1; D2; D3; D4; D5; D6; D7; D8; D9; D10; D11; D12; D16; D17), nos quais identificamos duas categorias de análise.

A primeira categoria, denominada “Campos de atuação da ginástica”, verificou a presença da ginástica de acordo com a classificação proposta por Souza (1997), conforme observamos no quadro a seguir:

Quadro 2 – Categoria “Campos de atuação da ginástica”

Categoria: Campos de atuação da ginástica		
Unidade de registro	Unidade de contexto	Frequência
Ginástica	D1; D2; D3; D4; D5; D6; D7; D8; D9; D10; D11; D12: “ <i>Introdução à ginástica (...)</i> ” D16: “ <i>Apresentação de trabalhos (ginástica, (...))</i> ” D17: “ <i>Apresentação de trabalhos (ginástica, (...))</i> ”	14
Ginástica de demonstração	D1: “ <i>(...) teoria da ginástica para todos (GPT)</i> ” D1: “ <i>(...) prática da ginástica para todos (GPT)</i> ” D7: “ <i>Visita técnica ao grupo de ginástica Diamantina (GGD) no Campus II da UFVJM</i> ”	3

A princípio, esclarecemos que, embora a unidade de registro denominada “Ginástica” não corresponda à uma das classificações proposta por Souza (1997), sentimos a necessidade de incorporá-la nesta análise, pois verificamos que este termo, por vezes, aparece de forma isolada antes das práticas gímnicas específicas.

Souza (1997) acredita que um único conceito para a Ginástica reduziria sua amplitude

de possibilidades. Quando utiliza o termo “ginástica” de forma isolada, a autora se refere à esta prática corporal como um todo, sem distinguir um campo de atuação ou modalidade específica.

Desta forma, a descrição “*Introdução à ginástica*” e “*Apresentação de trabalhos (ginástica (...))*” nos diários analisados, pode apontar dois caminhos: ou os professores trataram a ginástica de forma ampla, seja no sentido de apresentar a temática para os alunos ou permitir que estes explorem as múltiplas possibilidades desta prática; ou não compreendem os diferentes campos de atuação e/ou modalidades gímnicas.

Seguida de “Ginástica”, unidade de registro que apareceu com maior frequência (14 aparições), está “Ginástica de demonstração” (com três aparições). Verificamos também, que a GPT foi a única representante deste campo de atuação e que nenhuma outra prática gímnica foi citada nos documentos analisados.

Consideramos este fato positivo, pois, conforme a literatura, a GPT permite que todas as demais práticas gímnicas estejam inseridas em seu conteúdo, além de outras manifestações corporais (danças, jogos, lutas, esportes, teatro, etc.) de forma integrada ao movimento ginástico (AYOUB, 2003; TOLEDO, TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016). Desta forma, ao desenvolver a GPT, o professor pode, por exemplo, abordar as ginásticas de competição adaptando os equipamentos e as regras das modalidades à realidade do contexto escolar de forma que propicie a vivência de diversas práticas gímnicas a partir de princípios de inclusão, criatividade, prazer pela prática, dentre outros.

Verificamos também que, dentro da temática GPT, foi realizado um intercâmbio entre a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e a escola, instituições que se situam na mesma cidade. Nesta ação, os alunos da escola tiveram a oportunidade de conhecer o Grupo de Ginástica de Diamantina, projeto de extensão que desenvolve a GPT há sete anos e que, portanto, possui vasta experiência com esta prática corporal (LOPES, BATISTA; CARBINATTO, 2017).

Acreditamos que a interação entre a escola e a UFVJM seja de suma importância para envolvidos em ambos os contextos, pois permite aos estudantes da universidade uma aproximação com sua futura profissão (no caso de cursos de licenciatura em EF), ao mesmo tempo em que os alunos da escola podem conhecer espaços equipados para a prática gímnica e especialistas na GPT, ampliando a formação de todos os sujeitos.

Na segunda categoria, denominada “Conteúdos gímnicos”, verificou-se quais elementos da ginástica, a partir da proposta de diversos autores (RUSSEL, 2010; SOUZA, 1997; TOLEDO, TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016), estiveram presentes nos documentos analisados, conforme observamos no quadro a seguir:

Quadro 3 – Categoria “Conteúdos gímnicos”

Categoria: Conteúdos gímnicos		
Unidade de registro	Unidade de contexto	Frequência
PBMs	D1; D2; D3; D4; D5; D6; D7; D8; D9; D10; D11; D12: “(...) rolamentos, vela, avião, saltos, paradas de mãos/cabeça” D1; D2; D3; D4; D5; D6; D7; D8; D9; D10; D11; D12: “Contextualização dos elementos gímnicos”	24
Acrobacia coletiva	D1; D2; D3; D4; D5; D6; D7; D8; D9; D10; D11; D12: “Construção de figuras gímnicas”	12
Jogos e brincadeiras	D1; D2; D3; D4; D5; D6; D7; D8; D9; D10; D11; D12: “Brincadeiras Lúdicas dentro da GPT”	12
Coreografia em GPT	D1; D2; D3; D4; D5; D6; D7; D8; D9; D10; D11; D12 “Construção de coreografias dentro da GPT” D7; D8; D9; D10; D11; D12: “(...) apresentações de pequenas coreografias para os colegas da sala”	18
Exercícios de condicionamento físico	D16; D17: “Apresentação de trabalhos ((...)alongamento e flexibilidade)”	2

Primeiramente, embora não fosse foco deste estudo, não pudemos deixar de observar que, na maioria dos diários analisados, houve uma repetição significativa dos conteúdos abordados nas aulas de ginástica, principalmente aqueles desenvolvidos no Ensino Fundamental. Este fato pode indicar que a mesma aula foi aplicada com todos os anos escolares (o mesmo aconteceu na categoria anterior).

Esta situação é preocupante, pois indica que não houve uma progressão no desenvolvimento da ginástica no decorrer dos anos escolares. Em outras palavras, é possível que o mesmo conteúdo que um aluno vivenciou no 1º ano do Ensino Fundamental, tenha sido repetido quando este foi para o 2º ano e assim por diante. Vale salientar que a instituição pesquisada se situa no Vale do Jequitinhonha, MG, região na qual, segundo o estudo de Lopes e Niquini (2014), não se tem ainda a prática gímnica incorporada no cotidiano das escolas. Desta forma, é possível que 2017 tenha sido o primeiro ano em que a ginástica foi desenvolvida nesta escola. Se este for o caso, é compreensível que todas as turmas tenham o mesmo conteúdo, pois os temas abordados seriam necessários para introduzir os alunos das diferentes turmas à ginástica.

No entanto, o caminho metodológico que optamos nesta pesquisa não nos possibilita averiguar a justificativa para tal situação. Sendo assim, focaremos nossa discussão na análise da variedade do conteúdo apresentado pelos documentos, sem levar em consideração a repetição do mesmo nas várias turmas e anos escolares.

Dentre as possibilidades de conteúdos gímnicos, verificamos que foram abordados os PBMs (24 aparições); a acrobacia coletiva, também conhecida como pirâmides humanas ou figuras acrobáticas (12 aparições); os jogos e brincadeiras integrados aos movimentos gímnicos (12 aparições); a construção e apresentação de coreografias em GPT (18 aparições);

e os exercícios de condicionamento físico (2 aparições).

Este resultado indica que a ginástica e, em especial, a GPT (única prática citada nos documentos), foi desenvolvida de maneira ampla na escola, pois os cinco temas presentes nos documentos abarcam variados elementos que consideramos essenciais para o trato da ginástica na escola, principalmente quando se trata da primeira vez que esta prática é abordada.

Ao trabalhar os PBMs, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar e aprender movimentos básicos que são comuns à todas as ginásticas e que fundamentam habilidades mais complexas (RUSSEL, 2010), as quais poderão ser desenvolvidas no decorrer dos anos escolares. A acrobacia coletiva, além de poder ser incluída dentre os PBMs (movimentos estacionários em equilíbrio e/ou apoio), também se configura como um elemento característico de outra modalidade gímnica, a Ginástica Acrobática (MERIDA, 2016). Desta forma, desenvolver este tema possibilitou a vivência de outra ginástica, ampliando o repertório de conhecimento dos alunos.

Abordar brincadeiras que envolvam a GPT indica que outra manifestação corporal foi trabalhada nas aulas de ginástica, fato que vai ao encontro de autores que descrevem as possibilidades de inserção e interação de diversos elementos da cultura corporal de movimento nesta prática gímnica, ampliando as possibilidades no contexto da escola (AYOUB, 2003; TOLEDO, TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016).

Os resultados apontam que além do processo de construção coreográfica, houve a apresentação das coreografias para os próprios colegas em algumas turmas, corroborando a indicação da literatura. A composição coreográfica é citada por alguns autores como um fundamento obrigatório na GPT, podendo ser apresentada para os colegas de prática ou em eventos especiais (TOLEDO, TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016).

Por fim, os exercícios de condicionamento físico são considerados por alguns autores como essenciais para a progressão na aprendizagem dos movimentos ginásticos (RUSSEL, 2010; SOUZA, 1997). Também são elementos específicos das ginásticas de condicionamento físico e, quando abordados em aula, também contribuem para ampliação do conhecimento dos alunos acerca dos campos de atuação da ginástica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa demonstraram que dentre o amplo universo da ginástica, a GPT foi a única prática gímnica citada, a qual foi desenvolvida de forma significativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental e, de maneira menos expressiva nos anos finais do mesmo ciclo escolar. No Ensino Médio, a ginástica esteve presente em forma de seminários nos dois primeiros anos deste ciclo, sem especificações sobre o tipo de prática.

Sobre os conteúdos abordados, verificou-se que houve o desenvolvimento da base na ginástica, de exercícios de condicionamento físico, a prática de elementos de outras ginásticas, a interação com outras manifestações da cultura corporal e o trato com a composição coreográfica; evidenciando a diversidade no planejamento das aulas, fato de suma importância no período da Educação Básica para que haja uma ampliação do repertório de experiências dos alunos.

Consideramos, portanto, que embora de forma restrita, a ginástica se fez presente nas aulas de EF do ano de 2017 na escola estudada. Mesmo não abarcando as diversas práticas gímnicas, acreditamos que o desenvolvimento da GPT no ambiente escolar pode proporcionar conhecimentos e vivências diversificados sobre o conteúdo ginástico, uma vez que este tipo de prática possibilita a inserção de todos os campos de atuação da ginástica a partir de princípios de inclusão, cooperação, estímulo à criatividade, criticidade, dentre outros tão importantes para a educação integral do sujeito.

Tendo em vista as opções metodológicas e o recorte do estudo, não pudemos analisar a ausência da ginástica em alguns anos escolares, assim como a incidência da repetição de conteúdos na maioria das aulas. No entanto, alguns questionamentos podem ser levantados sobre estes fatores: a presença ou ausência da ginástica em determinados níveis de ensino teria relação com a didática dos professores? O que poderia influenciar o professor pela opção por determinado conteúdo em detrimento de outro? A formação profissional do professor pode influenciar a seleção dos conteúdos para as aulas que desenvolve? Os conteúdos são determinados pelos alunos, pelo professor, pela escola, pelo material didático, pela orientação curricular do Estado, por todos estes elementos em conjunto ou por algum outro aspecto?

Tais questões, dentre tantas outras, são essenciais para compreender as possibilidades e dificuldades do desenvolvimento da ginástica no contexto escolar. No entanto, nossa pesquisa se pautou apenas na identificação da presença da ginástica em uma realidade específica, sem a preocupação inicial em compreender os motivos por determinadas opções. Desta forma, sugerimos que estudos de campo que abordem o professor de EF sejam feitos para verificar como de fato as aulas de ginástica são desenvolvidas na referida escola e o conhecimento do profissional sobre o universo gímico, assim como em outras instituições de ensino, no sentido de contribuir com o desenvolvimento das aulas de EF escolar de forma ampla.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Lucia; LOPES, Priscila. O conceito de ginástica na proposta curricular de Minas Gerais. 15 a 18 outubro, 2014. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, São Paulo, SP. *Anais* (on-line). São Paulo: Campinas, SP: UNICAMP/FEF: SESC, 2014  
Disponível em: <<https://www.forumgpt.com/2018/arquivos/anais/07-forum-internacional-de-ginastica-geral-2014.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

AYOUB, Eliana. *Ginástica geral e Educação Física escolar*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2006.

BRACHT, Valter. *A Educação Física no Ensino Fundamental*. 2010. In: SEMINÁRIO NACIONAL, : CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1., 2010, Belo Horizonte Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7170-3-6-educacao-fisica-ensinofundamental-walter-bracht/file>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

CARBINATTO, Michele Viviene, ZAGHI, Flávio; SIMÕES, Regina Maria Rivogatti. Ginástica nas escolas de Minas Gerais. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 7., 2014, São Paulo, SP. *Anais* (on-line). São Paulo: Campinas, SP: UNICAMP/FEF: SESC, Disponível em: <<https://www.forumgpt.com/2018/arquivos/anais/07-forum-internacional-de-ginastica-geral-2014.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

CORREIA, Walter Roberto. Educação física escolar: o currículo como oportunidade histórica. *Revista brasileira da educação física e do esporte*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 831-836, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v30n3/1807-5509-rbefe-30-03-0831.pdf>>.

COSTA, Andrize Ramires. et al. Ginástica na escola: por onde ela anda professor?. *Conexões*, Campinas, v. 14, n. 4, p. 76-96, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8648071>>.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina. *Educação física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FENSTENSEIFER, Paulo Evaldo; GONZALEZ, Fernando Jaime. Entre o “Não mais” e o “Ainda não”: pensando saídas do não lugar da Educação Física escolar II. *Cadernos de formação RBCE*, Campinas: Autores Associados, 2010. p. 10-21. Disponível em: <<http://rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/viewFile/978/561>>.

GOMES, Nayara do Socorro, GONÇALVES, Edvânia da Silva. *Ginástica na educação física escolar: reflexões acerca da estrutura organizacional de seus conteúdos*. 2014. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2014.



LOPES, Priscila et al. Ginástica Para Todos e literatura: realidade, possibilidades e criação. *Conexões*, Campinas, v. 13, n. Especial, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637581>>.

LOPES, Priscila; NIQUINI, Cláudia Mara. O conteúdo da ginástica durante a educação física escolar: uma análise a partir de ingressantes do curso de licenciatura em educação física. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 7., 2014, Campinas. *Anais...* Campinas, 2014, p. 221-229. Disponível em: <<https://www.forumgpt.com/2018/arquivos/anais/07-forum-internacional-de-ginastica-geral-2014.pdf>>.

LOPES, Priscila; BATISTA, Mellina Souza; CARBINATTO, Michele Viviene. Ginástica para Todos e arte: diálogos possíveis na extensão universitária. In: CONGRESSO DE GINÁSTICA PARA TODOS E DANÇA NO CENTRO-OESTE, 7., 2017, Goiânia. *Anais...* Goiânia, 2017, p. 1-20.

MARCASSA, Luciana. Metodologia do ensino da ginástica: novos olhares, novas perspectivas. *Pensar a Prática*, v. 7, n. 2, p. 171-186, 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/94/2379>>.

MERIDA, Fernanda Vieira. Fundamentos da Ginástica Acrobática. In: NUNOMURA, Myrian (Org.) *Fundamentos das ginásticas*. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni; MOREIRA, Wagner Wey. *Esporte como conhecimento e prática nos anos iniciais do ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012a.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni; MOREIRA, Wagner Wey. *Esporte como conhecimento e prática nos anos finais do ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012b.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni; MOREIRA, Wagner Wey. *Esporte para a vida no ensino médio*. São Paulo: Cortez, 2012c.

PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victoria; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli; PALMA, José Augusto Victoria. *Educação Física e a organização curricular: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio*. 2. ed. Londrina: Eduel, 2010.

PEREIRA, Ana Maria; CESÁRIO, Marilene. A ginástica nas aulas de educação física: o “aquecimento corporal” em questão. *Revista da Educação Física da UEM*, Maringá, v. 22, n. 4, p. 637-649, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/12536>>.

PEREIRA, Flávio Medeiros. A favor da ginástica no cotidiano da educação física no ensino médio. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, v. 11, n. 2, p. 47-58, 2012. Disponível em: <<http://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/838>>.

RUSSEL, Keith. *Gymnastics Foundations*. Saskatoon: Ruschkin Publishing, 2010.

SCHIAVON, Laurita; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. A ginástica vai à escola. *Movimento*, Porto Alegre v. 13, n. 3, p. 131-150, 2007. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3572>>.

SERON, Taiza Daniela et al. A ginástica na Educação Física escolar e o ensino aberto. *Revista da Educação Física da UEM*, Maringá, v. 18, n. 2, p.115-125, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3268>>.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação física: raízes europeias e Brasil*. 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. *Ginástica geral: uma área do conhecimento da educação física*. 1979. 163f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

TOLEDO, Eliana; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; CARBINATTO, Michele Viviene. Fundamentos da Ginástica Para Todos. In: NUNOMURA, Myrian (Org.) Fundamentos das ginásticas. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.

VENÂNCIO, Luciana; CARREIRO, Eduardo Augusto. Ginástica. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.